

# Índios e jesuítas na Barra do Jucu

Ao sul de Vitória, tribos tupiniquins se juntaram a padres jesuítas e fundaram a Aldeia de Campo Novo

**TRIBUNA**  
COM VOCÊ

**P**equeno e rústico balneário de Vila Velha, localizado a cerca de 15 quilômetros do Centro, Barra do Jucu já foi parte da que foi considerada por muitos historiadores como a maior fazenda brasileira.

Tudo começou quando, em 1556, tribos tupiniquins acamparam ao sul de Vitória, às margens de um rio, que, talvez pela corruptela da palavra junco, vegetal abundante na região, passou a ser chamado de rio Jucu.

Os índios se juntaram ao padre jesuíta Brás Lourenço e a outros indígenas da região, e fundaram a Aldeia de Campo Novo, que em 1716 foi rebatizada pelo padre Rafael Machado com o nome de Araçatiba.

A fazenda produzia açúcar, cereais e carne bovina e ia de Campo Grande, em Cariacica, até Guarapari, compreendendo Barra do Jucu, Ponta da Fruta, entre outras localidades ribeirinhas, somando quase 2 mil alqueires de terra.

Após a expulsão dos jesuítas, em 1760, os bens foram seqüestrados e postos em leilão. Com isso, a Barra do Jucu acabou se transformando em uma aldeia de pescadores, onde o peixe era farto e a vida tranqüila.

"Era todo mundo conhecido e a amizade entre a gente era muito boa", recorda Mariones dos Santos Régis, 66 anos, que nasceu e cresceu no bairro.

Segundo ela, enquanto os homens pescavam, as mulheres faziam renda de bilro, tradição italiana que era ensinada às mulheres pela Dona Davina, moradora antiga que já morreu. Mariones foi uma das alunas.

Aos poucos, o local foi se tornando conhecido por conta da empresa de ônibus Itapemirim ter alterado trajeto do ônibus que fazia a linha Cachoeiro-Rio de Janeiro, passando a atravessar o local.

Com isso, a Barra do Jucu começou a receber novos moradores que viam no local uma opção de vida mais tranqüila. Foi o caso, por exemplo, da família da comerciante Ruth de Oliveira, hoje com 51 anos. "Tive a melhor infância do mundo. Brincávamos de pique nas ruas e tomávamos banho de riacho", contou.



Mariones lembra que homens pescavam e mulheres faziam bilro

## DESTAQUES

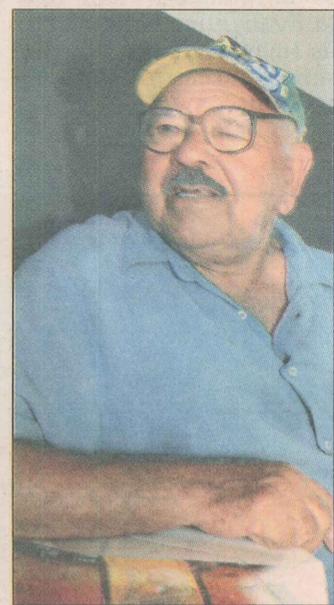


### Carnavalesca

Quem vê hoje não desconfia, mas Dona Eurides Valadares Mazzega, de 84 anos, já foi uma das carnavalescas mais animadas do bairro.

"Ajudava a arrumar as fantasias e a organizar os blocos e bailes e, é claro, pulava muito", lembra ela.

Mas, para quem acha o local rústico, ela ressalta que já mudou muito. "Era só areia e capim e tínhamos de ir a pé para Vila Velha".



### Serestas

Há 40 anos, em busca de uma vida mais tranqüila, seu Francisco Firme, de 79 anos, se mudou com mulher e os dois filhos para o bairro. "Aqui é o melhor lugar do mundo. Meus filhos puderam ter uma infância tranqüila", afirma.

Logo, logo, Francisco reuniu um grupo de amigos e se tornou conhecido pelos moradores pelas serestas que fazia. "Tocávamos nossa música para alegrar os amigos", disse.